

## **A MÍSTICA ENQUANTO ESPAÇO DE FORMAÇÃO PARA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Carolina Inácio da Silva UNEB [Carolina\\_inacio@ymail.com](mailto:Carolina_inacio@ymail.com)<sup>1</sup>

A mística deve ser compreendida ao longo da trajetória histórica do MST. Ela é gestada desde nascimento do movimento em suas primeiras ocupações, acampamentos, assentamentos e segue em tempos atuais nos mais variados espaços do movimento tais como: congressos, reuniões, encontros, cursos etc. Ela é alimentada no cotidiano por cada trabalhador e trabalhadora rural Sem Terra, sendo assim, perceber os lugares de produção da mística ao longo da trajetória histórica do Movimento é também compreender como o MST entendeu e entende a Mística ao longo da sua trajetória enquanto espaço de Educação do Campo para o Campo, espaço, sobretudo para a formação da consciência e identidade militante valorizando sua cultura local e luta.

Palavras chave: Mística; Educação; Campo.

## **A MÍSTICA ENQUANTO ESPAÇO DE FORMAÇÃO PARA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Carolina Inácio da Silva UNEB [Carolina\\_inacio@ymail.com](mailto:Carolina_inacio@ymail.com)

Percebe-se nas origens do MST o caráter da mística estava intimamente relacionada ao sagrado, a religiosidade dos trabalhadores e trabalhadoras do meio rural. Alimentando a militância, dando força para a luta esta mística/religiosidade se realizava enquanto instrumento para a prática social e política. Nas primeiras ocupações do MST, no Rio Grande do Sul, os padres da Igreja Católica em especial aqueles ligados a Teologia da Libertação, rezavam suas missas dando ênfase na luta, incentivando o povo para visitarem as famílias acampadas, ressaltando a necessidade desta luta para a libertação dos oprimidos, libertação do povo Sem Terra que partia para a ação por uma necessidade que estava neste mundo mais que se juntava ao povo de Deus que desafiou o deserto e se libertou da opressão<sup>2</sup>.

Este primeiro momento desta mística/religiosidade deve ser percebido a partir das

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB e estudante do Curso de Pós Graduação em Educação e meio Ambiente: Ênfase em preservação ambiental pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB.

<sup>2</sup> Caderno de formação nº9: valores de uma prática militante. Leonardo Boff

necessidades do momento histórico em que nasce o Movimento. Nestes primeiros passos para a organização dos trabalhadores Sem Terra a presença da Igreja Católica e Luterana foi muito importante, pois o estímulo para a luta e para a organização do povo vinha dialogar com as condições sociais em que se encontravam os trabalhadores que freqüentavam as missas e os cultos. A religiosidade e a fé na possibilidade de uma vida melhor, mais digna, são fatores importantes para que a Mística seja este forte exemplo da presença religiosa na articulação do MST como nos diz Bogo (1999, p. 127) sobre o caráter da Mística mesmo esta estando interligada com a religião se faz importante para a luta por que:

Nas lutas sociais existem momentos de repressão que parecem o fim de tudo. Mas aos poucos, como se a energia misteriosa tocasse em cada um, lentamente as coisas vão se colocando novamente e a luta recomeça com maior força. Esta energia que nos anima para seguir em frente é o que chamamos de “mistério” ou de “mística”. Sempre que algo se move em direção a um ser humano para torná-lo mais humano aí se está se manifestando a mística.

Esta mística que se manifesta no momento em que o trabalhador segue em direção a sua primeira ocupação deve ser mantida, este é um grande desafio para a organização. A necessidade de tornar o humano mais humano, tornar os fiéis sensíveis para a luta daqueles que nada possuem, este é um papel importante exercido pelas igrejas para a formação interna da mística do MST. Percebe-se com a pesquisa que a mística é produto da experiência dos trabalhadores, é por eles vivenciada e sentida, elaborada na prática cotidiana de ser Sem Terra integrante do MST.

Encarada em seu sentido religioso a mística busca um fim que muitas vezes não é encontrado neste mundo, por isto o sentido da palavra deve ser alargado, a prática faz com que o “mistério” ganhe vida em cada corpo dos trabalhadores. O significado tradicional do mistério religioso está inserido em uma tradição judaico/cristã que se conforma, busca um *por vir* que está distante, um paraíso que na maioria das vezes não está na terra e sim no céu. Assim Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra sente a necessidade que os trabalhadores compreendam que o sonho é necessário, a manutenção da esperança também mais, este sonho e esta esperança se realizam, materializam na luta pela terra, muitas vezes sinônimo de dignidade.

As influências da CPT e da Teologia da Libertação dentro do MST ajuda na ampliação do significado da mística que ainda ligado ao religioso, ”entendida como

espiritualidade” como nos afirma Bogo (2008, p. 211) esta espiritualidade se volta para a luta. Partindo sempre da necessidade que o povo possui de ser visto e ouvidos, para Bogo (2008 p.10) a mística é também “alimento da imaginação” e por ser alimento não pode ser estática, deve ser ação, prática militante. Percebe-se em tempos atuais os deslocamentos feitos sobre o sentido da mística: ela é valor da prática militante, é também vinculada a prática educativa de caráter formativo e a experiência dos trabalhadores Sem Terra e por isto, muitos a consideram arte.

Percebo ao longo da pesquisa a complexidade do tema e a dificuldade em decifrar as suas teias, mais do que palavras, a mística é ação militante e isto se exemplifica desde a primeira ocupação do MST. Ainda sem experiência em realizar uma atitude tão radical os trabalhadores assumem a sua história e partem para ação, esta não foi uma decisão fácil como nos diz Paquete (2007) mais foi uma decisão necessária para que os trabalhadores se fizessem vistos e ouvidos, para assumirem seu espaço na história, para aquilo que eles consideram libertação. Por isto, a mística possui um espaço tão importante dentro do MST, pois, com tanta diversidade e subjetividades a partir da mística os trabalhadores se unem em um único ideal, relembram os motivos que os fazem continuarem lutando.

Externamente a mística pode ser percebida nas marchas e nos acampamentos com suas bandeiras alastras ao vento, milhares de Sem Terras marchando em uma única direção com suas camisetas e bonés vermelhos os identificando, através das palavras de ordem, dos cantos e poemas recitados. Ela é sentida e vivenciada por aqueles que tiveram coragem de enfrentar o latifúndio, os políticos, a mídia e realizaram ocupações em todo o país por isto sentimos tantas dificuldades enfrentadas ao tentar historicizar a Mística no MST. Percebo que ela é amplitude, alimento, prática militante, valor e identidade Sem Terra.

Stédile (2000) nos conta que “a mística era fator de unidade, de vivencia de ideais, mais por ser uma liturgia, vinha muito carregada” assim, nos primeiros anos de MST possuía a característica de está ligada a religiosidade como já destacamos anteriormente. Percebo que na trajetória histórica do Movimento estes momentos de liturgia foram necessários para que mantivesse a fé na transformação, para os trabalhadores manterem a sua fé mesmo estando vivendo uma situação em que falta de tudo. Em uma ocupação sempre acaba faltando um pouco de tudo e a mística mantida se

torna força geradora de energia para continuar lutando, um sentimento que ainda segundo Stédile( idem) deve se aflorar “em direção a um ideal”.

Ao destacar a temática da mística alguns autores como Caldart (2000) Nascimento (2007) e Piana (2000) colocam como relevância em seus trabalhos a importância desta em seu sentido pedagógico para o Movimento Sem Terra. Segundo Fernandes (1999) a mística é um momento importante de valorização e celebração da experiência dos trabalhadores em seus espaços sociais:

Essa fértil atividade cultural, desenvolvida em diferentes momentos da vida dos sem-terra: nos encontros, nas escolas, no trabalho, nos acampamentos, nas cooperativas, nos cursos e nas festas, promovem a formação do Movimento, na construção da identidade dos sem-terra. Nas místicas, os adultos, os jovens e as crianças representam seus cotidianos, lembram o passado e imaginam o futuro numa forma de arte e memória. Essas atividades são lições de histórias e de vidas produzidas com sabedoria e irreverência, que vertem esperanças e desafios para transformar suas realidades. As poesias e as canções, os atos e as ações, a bandeira e as palavras de ordem, as manifestações ocorridas na espacialização do MST registram a construção de uma cultura da luta pela terra. As espacialidades de suas ações tornaram-se expressões de manifestação e de resistência, de modo que os sem-terra tornaram-se uma referência de organização para outros setores da sociedade, bem como a imprensa vem utilizando a preposição SEM para se referir a situações de privação e ou de exclusão.

A luta pela terra faz transformação que estão para além do visível e estas transformações internas, no processo de formação do trabalhador Sem Terra, nos processos de luta cotidiana que faz dos “Sem” seres sociais em profundas transformações. Ainda para Fernandes (1999, p.46) a luta pela terra ensina:

A luta pela terra ensina. Cada família da luta tem uma história rica em acontecimentos que marcam para toda a vida. Não há como esquecer, tanto pelo sofrimento na caminhada, quanto pela alegria da chegada, na conquista da terra. (...) Como símbolo de resistência, os sem-terra fizeram uma cruz rústica. Começaram a receber apoio e contribuições de sindicatos de várias categorias de trabalhadores, de comunidades de diversas paróquias, de alguns prefeitos, de agricultores e de estudantes (...). No princípio, a cruz era fincada na terra. Depois com as ajudas que receberam, a cruz passou a ser sustentada pelas escoras que simbolizava os apoios. Assim, sempre que havia uma manifestação, a cruz era transportada e era mantida em pé pelas escoras. Durante o período do acampamento morreram cinco crianças e as famílias colocaram cinco faixas brancas, representando as suas presenças na luta pela terra.

É na luta que a mística se forma e transforma. É no processo, na caminhada que ela vai ganhando forma dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que

a mística/mistério dá força para a caminhada como discutido a partir dos estudos de Fernandes, Pasquetti e Bogo já citados e a partir de falas cotidianas daqueles que fazem a organização ganhar vida, em acampamentos nos meses que passam na Escola Nacional Florestan Fernandes. Sendo assim, compreendi que a mística possui um espaço especial pela forma como é tratada e o debate é sempre apaixonado que estimula.

A mística não é preparada no momento, se necessita de tempo, amadurecimento da idéia, do tema. Pode vir simbolizada como uma poesia, encenação, teatralização. Os temas são os mais variados, desde a morte de um grande líder revolucionário até a recordação de lutas de um acampamento ao festejo de um momento importante para o Movimento. É na luta que a mística se constrói, é na prática que ela é alimentada e, portanto, a percebo como uma força do MST e como valor da ação militante. A Mística ganha vida quando sentida e neste sentido Nascimento (2007) ressalta que a mística:

(...) se faz presente no dia-a-dia das sem-terras que espalhados pelo Brasil se unem numa comunhão de esperança na luta pelos direitos sociais de Reforma Agrária, de Educação, de Saúde, de Agricultura familiar e, com isso, conseguem estremecer os palácios do poder constituído.

Este sentido simbólico que acompanha a trajetória histórica do movimento social parte da necessidade de se fazer visto, não somente pelo sofrimento mais de forma especial, pela força dos trabalhadores. A necessidade de mostrar para a sociedade brasileira que existe trabalhador rural no Brasil e que estes estão sendo explorados e muitas vezes expulsos do seu lugar. Necessidade de denunciar que os trabalhadores podem e devem lutar para melhorar a sua condição de vida. O entendimento de mística, ligada ao sentido religioso se aproximava mais facilmente com os trabalhadores do campo, ações de solidariedade fazem parte deste mistério de existir e que ganha força a partir das ações de 1985: o mistério de ser militante do MST e da prática das ocupações. De acordo com Souza (2007)

A mística do MST, ao buscar aproximar a religiosidade da mudança da sociedade e criar uma cultura em que a memória da esquerda proporciona o vínculo com um projeto transformador, promove uma contra-hegemonia que entende que não há nenhuma grande narrativa mais mortal do que o capitalismo globalizado.

Neste sentido, a idéia de mística e ampliando a sua dimensão religiosa sofre um profundo processo de releituras e elaboração de outros sentido, esta passa a ser

sinônimo da luta dos povos, e com isso ganha um significado no campo de uma nova cultura política. A mística/religiosidade está ligada ao imaterial, ao Deus supremo que pode modificar a vida daqueles que acreditam nele, está em um mundo que não é este, um mundo supremo, dos céus. A mística religiosa está articulada com a conquista de uma vida melhor, mais muitas vezes este mundo não é necessariamente o terreno e sim os céus. Assim a mística, em seu lugar religioso, está ligado a idéia de metafísica ao *por vir: Deus é experimentado na luta dos oprimidos do Egito e dos cativos na Babilônia*, nos diz Leonardo Boff (1998, p. 20) no caderno de formação do MST. Ainda de acordo com Boff (1994, p. 11) *espiritualidade e mística pertencem à vida em sua integralidade e em sua sacralidade*. É desta concepção que nasce à resistência e a vontade de libertação.

Percebemos o desejo latente nos trabalhadores de serem livres. Este “ser livre” se vincula a prática para a obtenção desta liberdade que segundo Boff (1994, p. 12)

A palavra mística é adjetivo de mistério. Mistério possui muitos sentidos, vários deles pejorativos. Na linguagem comum usa-se a palavra mistério para concluir uma reflexão que esgotou as capacidades da razão e não consegue mais produzir luz. Ou então para indicar intenções ou realidades escondidas aos comuns dos mortais.

Não há formulas para a decifração do mistério. Nas religiões a mística está ligada aos rituais sagrados, cantos e altares devidamente organizados para os ritos seja das missas, dos batismos, confissões etc. O mistério do existir eclesial é sentido por aquele que acreditam.

Ver/julgar/agir se transformou no método usando pelos padres dando ênfase a necessidade da luta pela transformação social, da libertação entendendo que esta é a *libertação do oprimido*. Por isso, a teologia da libertação deve começar por se *debruçar sobre as condições reais em que se encontra o oprimido de qualquer ordem que ele seja* (BOFF,1996, p. 40). A liturgia da mística/espiritualidade da libertação está na cruz e no conflito, que segundo Souza (2007, p. 06) esta mística se *enraíza nas culturas oprimidas da história, herdeira do sangue de muitos e muitas que tombaram doando a vida e o sangue do martírio*.

Para Stédile (2000) este primeiro momento da mística dentro do MST se vincula a religiosidade dos trabalhadores, nem todos são católicas, as tradições camponesas

mostram a sua ligação com o sagrado. O sagrado se une a luta pela terra. A unidade que se dá durante as lutas é ressignificada nas místicas e na prática diária nos espaços do Movimento. Internamente a mística assumiu o espaço pedagógico e é posta em prática nos espaços externos, também tida como um valor ela vai sendo desenhada por todos que fazem parte da organização.

No caderno de formação nº26, Bogo (1998, p. 13) ressalta a importância dos valores e do gosto pelos símbolos dentro do MST, ele nos diz que “os símbolos são as representações materiais das utopias. Eles passam a ser o meio de comunicação mais eficiente entre as pessoas que fazem parte de uma organização e garante a unidade política entre elas”, percebemos portanto, a importância dos símbolos e da mística para a construção de um movimento organizado. Dentre os valores e cuidados que um militante deve ter está com o “respeito a história” pois é a partir da história dos outros que lutaram antes de nós que recuperamos a nossa memória enquanto lutadores e o movimento segue marchando.

Observando as cartilhas do movimento percebe-se que sempre que a temática da mística é mencionada ela está vinculada com a pedagogia e com os valores Sem Terra. Como princípio para a caminhada junto com a luta da militância<sup>3</sup>. Neste sentido, a importância dos símbolos para o MST como as bandeiras, bonés, camisetas, enxada, foices, painéis são elementos que dizem muito sobre aqueles que usam, portanto, não podem ser usando em qualquer espaço. Os símbolos falam por si mesmo e muitas vezes um elemento simbólico mal usado toma dimensões que prejudicam a organização. Levando em consideração isto, o caderno de formação nº 13 ressalta o porquê de o Movimento possuir uma bandeira *para que o Movimento seja o mais reconhecido possível e obtenha respeito na sociedade e reconhecimento de sua importância social e política*. Ressalta, ainda, que a bandeira é importante até por uma questão de segurança do trabalhador rural. Outra questão importante enfocada no documento é que os símbolos servem para propagandar o Movimento e para a mística, animando e motivando a caminhada. Para Bogo (2008, p. 225),

A utopia do amanhã é esse desejo de um “novo dia”. Tudo recomeça. É um novo recomeço; não de tudo, mas do essencial. Ontem a imaginação ainda não tinha esclarecido tudo, fazia suspense, hoje, ela se revela mais um

---

<sup>3</sup> Documento Básico do MST- Documento para debate e revisão durante 1994/95

pouco, renovando a curiosidade que alimenta o desejo de um outro amanhã.

Para Bogo (*idem.*), alguns elementos são essenciais para a mística caminhar dentro do Movimento: A imaginação, a esperança e a paixão. Mais sozinhos estes elementos não fazem nada, eles precisam está corporificado na militância, devem ser assumido por estes e fazer parte do cotidiano. “*Queremos o futuro, sem nos desligarmos do presente*” afirma Bogo (*ide.*, p. 230) este futuro esperado é um futuro que só virá se houver a luta, a militância do MST sabe da necessidade de trabalhar neste tempo presente pois é a partir das lutas travadas hoje que o amanhã, tão desejado, virá.

As místicas produzidas pela militância expressa momentos históricos da luta pela terra além de rememorarem os acontecimentos de suas experiências como agentes transformadores de suas realidades sociais. Sempre voltada para o coletivo, ela é expressão da arte que surge no Movimento Sem Terra, também é através das místicas que os trabalhadores se tornam artistas, recitando poesias, versos muitas vezes escritos por eles mesmos. Versos que falam das lutas travadas na do movimento na América Latina na busca da libertação e relembram momentos históricos, contam as vidas e os sonhos de pessoas comuns que tomam em suas mãos a história, não espera acontecer. Percebe-se um deslocamento no sentido atribuído a mística: de ritual do mistério religioso ela se torna vida e deve ser mantida no cotidiano levando sempre consigo o ideal da transformação.

A temática da mística é a **transformação social**, a “libertação” das opressões sofridas não somente pelos trabalhadores rurais Sem Terra mais a exploração sofrida por todos os trabalhadores, assim a mística do MST deve servir como alimento importante para a transformação, o que alguns chamam de Mística/Revolucionária. Este sentido da mística como nos diz a musica **Terra e Raiz** cantada pelos militantes do Movimento é *o povo em movimento contra as cercas da concentração, com um sorriso da felicidade e a história na palma da mão*<sup>4</sup> e neste sentido a mística foi sendo ampliada acompanhando os processos históricos de cada momento.

---

<sup>4</sup> Sem Terra: as músicas do MST. Ano, 1996, p. 75.

## Referências:

BOGO, Ademar. Lições da luta pela terra. Memorial das letras, Salvador: 1999.

\_\_\_\_\_. Identidade e Luta de Classes. Editora Expressão Popular, SP: 2008.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento Sem Terra: a escola é mais do que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CARDOSO, Maria Abadia. O campo da História: Especialidades e Abordagens. Fenix: Revista de História e Estudos Culturais, trimestral, ano II, n°3, 2005. In: <http://www.revistafenix.pro.br>

COMPARATO, B.K. A ação política do MST. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, 2001.

COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade IN: \_\_\_\_\_ (org.). Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 93-118.

FERNANDES, Bernardo Mançano. A formação do MST no Brasil. Petrópolis, Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. As ocupações de terra e política de assentamentos. In Lutas Sociais, n° 9. São Paulo, NEILS, 1998.

\_\_\_\_\_. Contribuição ao Estudo do campesinato Brasileiro Formação e Territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST (1979-1999). 1999.318 p. Tese (Doutorado em Geografia) Departamento de Geografia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Gênese e Desenvolvimento do MST. MST: Caderno de Formação n°30. São Paulo, 1998.

STÉDILE, João Pedro. *A questão Agrária no Brasil*. São Paulo: Atual, 1997.

\_\_\_\_\_. *Revista Raízes*. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2000

